

# **A cidade e o ensino de história: como se ensina sobre a emancipação política de Tamarana?.**

Machado Nascimento, Bruno Rafael, Ferreira de Oliveira, Sandra.

Cita:

Machado Nascimento, Bruno Rafael, Ferreira de Oliveira, Sandra (2017). *A cidade e o ensino de história: como se ensina sobre a emancipação política de Tamarana?.* XVI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia. Facultad Humanidades. Universidad Nacional de Mar del Plata, Mar del Plata.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-019/702>

## **A CIDADE E O ENSINO DE HISTÓRIA: COMO SE ENSINA SOBRE A EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DE TAMARANA?**

Rafael Nascimento da Silva<sup>1</sup>

Sandra Regina Ferreira de Oliveira<sup>2</sup>

**RESUMO:** Os habitantes de uma cidade vivenciam transformações constantes na produção e na divulgação de informações junto ao acelerado movimento da sociedade. Em nosso cotidiano, somos expostos a uma relação muito rápida com o passado, sendo esse passado, por vezes, classificado como ultrapassado e, em decorrência, compreendido como desnecessário enquanto conteúdo a ser ensinado para as crianças na escola. Ao decorrer do tempo, muitos acontecimentos que deixaram marcas no lugar e em seus moradores são esquecidos ou, não raras vezes, contados a partir de uma história eleita para ser lembrada, causando silenciamento às demais existentes. Ao olhar para o ambiente escolar e o ensino de história nos anos iniciais, nos deparamos também com o silenciamento de muitos temas que poderiam ser usados como conteúdos escolares, tendo em vista que, muito do que se aprende e se ensina na escola é pautado no que se pesquisa sobre a história da cidade. Apresentamos neste trabalho o resultado de uma dissertação de mestrado cujo objeto foi compreender quais conteúdos sobre a história do município de Tamarana, estado do Paraná, são eleitas para serem trabalhadas nas aulas de história da escola, considerando importante a data de sua emancipação política, ocorrida no ano de 1995 e que hoje se revela com a tradição do desfile cívico e festividades na cidade. Quanto ao campo teórico recorreremos a autores que estudam sobre a cidade e sua relação com o ensino de história como Joan Pagés e Sandra Pesavento. Os dados foram coletados via aplicação de um questionário, composto de seis perguntas abertas aos professores das classes de terceiro e quarto ano dos anos iniciais em três escolas. Embora seja recente a história da emancipação política entre os habitantes tamaranenses, considerando os vinte e dois anos do acontecimento, o período de transição entre deixar a condição de ser um distrito para tornar-se município deixou marcas profundas nos moradores locais, tanto que, sobre este acontecimento quase não

---

<sup>1</sup> Docente na Rede Municipal de Educação de Londrina – Pr e Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) – Londrina – Pr, Brasil.

rafael.uel@outlook.com

<sup>2</sup> Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Estadual de Londrina (UEL) – Londrina – Pr, Brasil.

sandraoliveira.uel@gmail.com

se fala no município, e quando abordado, suas reverberações são intensas e imprevisíveis, o que leva os moradores a não falar sobre o assunto.

**Palavras-chaves:** Tamarana. Ensino de História. Emancipação Política. Cidades.

## **INTRODUÇÃO**

Este trabalho é o desdobramento de uma pesquisa desenvolvida junto Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Estadual de Londrina, estado do Paraná, Brasil. Nela, procuramos investigar um fato político específico, eleito como conteúdo a ser ensinado nas classes dos anos iniciais do ensino fundamental e também festejado em caráter de data comemorativa, tanto na cidade com decreto de feriado, quanto na escola com desfile cívico. Trata-se da emancipação política administrativa do município de Tamarana, também localizada no estado do Paraná.

Para realização do estudo em questão, realizamos a busca por informações em fontes de jornais, seguida de entrevista com seis moradores do município que vivenciaram o momento de emancipação, por último chegando à escola, na busca por constatar como o conteúdo da história da cidade é abordado nas aulas de história da rede municipal de educação de Tamarana.

Este estudo se justifica pela necessidade de novas fontes historiográficas para o ensino de história nos anos iniciais, já que, ao buscarmos tais informações, não obtivemos sucesso, tendo em vista não haver nenhuma historiografia que verse a respeito da transição vivenciada por Tamarana e seus habitantes entre ser um distrito e tornar-se um município.

A proposta aqui abordada é a análise do que se ensina sobre a história da cidade na disciplina de história das escolas municipais de Tamarana, com foco para a emancipação política do município.

## **O OBJETO DE ESTUDO: O MUNICÍPIO DE TAMARANA.**

O município de Tamarana está localizado na região Norte do estado do Paraná, possuindo população estimada em aproximadamente 13.518 habitantes, tendo sua área territorial em 469,401km<sup>2</sup> e está há 336,67km da sua capital, Curitiba (IPARDES,

2015)<sup>3</sup>. É um município com forte tradição rural, seu comércio caracteriza-se pela predominância do setor agropecuário, com grande ligação à agricultura familiar.

Tamarana tem sua história contada, principalmente nas escolas, vinculada à história de Londrina município ao qual pertenceu enquanto era distrito. Porém, se abordarmos a constituição do núcleo populacional que ali se estabelece pela população não índia, encontramos registros que datam da primeira década do século XX. Isso nos leva a considerar que o primórdio da formação do núcleo populacional por habitantes não índios, que hoje é denominado por “cidade de Tamarana”, é centenário, pois encontramos registros de 1915, quando o lugar era chamado de vilarejo.

A denominação Tamarana, de acordo com Ferreira (2006, p.313)<sup>4</sup>, é originária da língua tupi, significando “espécie de clava com quinas, com um metro de comprimento, feita de madeira dura, espalmada com dois gumes à maneira de espada”. A escolha deste nome originou-se pela presença indígena nas terras do distrito, principalmente dos índios kaingang.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: O ESTUDO DA CIDADE NO ENSINO DE HISTÓRIA.**

Há diversas maneiras de se olhar e interpretar a cidade. Tida por muitos apenas como um emaranhado de ferros, tijolos e casas, a cidade constitui-se de vários laços entre seus habitantes e o espaço urbano.

Ao abordar a linha de estudos sobre a formação de cidades e sua expansão nos últimos anos, José D’Assunção Barros (2012)<sup>5</sup> infere que “pensar e sentir a cidade fora muitas vezes uma tarefa dos poetas, dos cronistas e romancistas, dos teólogos, também dos arquitetos e dos filósofos”, entretanto identifica-se que, nos anos de 1950, as cidades despertaram os olhares de outros pensadores e pesquisadores que, em suas

---

<sup>3</sup> INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). **Caderno estatístico:** Município de Tamarana. 2015. Disponível em: <[www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=86125ebtOk=ok](http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=86125ebtOk=ok)>. Acessado em: 15 nov. 2016.

<sup>4</sup> FERREIRA, João Carlos Vicente. **Municípios Paranaenses:** origens e significados de seus nomes. Curitiba: Secretaria do Estado da Cultura, 2006. Disponível em: <[http://www.itcg.pr.gov.br/arquivos/File/Produtos\\_DGEO/Divisas\\_Municipais/Origens\\_Significados\\_nomes\\_municipios\\_pr.pdf](http://www.itcg.pr.gov.br/arquivos/File/Produtos_DGEO/Divisas_Municipais/Origens_Significados_nomes_municipios_pr.pdf)>. Acessado em: 15 nov. 2016. p.313.

<sup>5</sup> BARROS, José D’Assunção. **Cidade e História.** Petrópolis: Vozes, 2012. p.9.

diferentes abordagens, preocupam-se com questões e conflitos sociais que dela fazem parte (BARROS, 2012)<sup>6</sup>.

Com a aceleração do tempo vivenciado em nosso dia a dia, interiorizamos a cidade como um aglomerado de construções porque não observamos com olhar minucioso e curioso, já que, quando instigado o sentido da curiosidade, o olhar para a cidade se amplia, ela se mostra como um vasto campo de conhecimento suspenso aos nossos olhares.

O indivíduo assimila a cidade que habita de forma espontânea e pouco reflete sobre a sua constituição. Absorvido pelo tumulto urbano e ritmado pelo tempo imposto pelo relógio, ele a naturaliza, sabe operar espontaneamente com ela, mas não desenvolve a consciência crítica sobre ela (ARAUJO, 2013)<sup>7</sup>.

A reflexão sobre a cidade, despertada por meio da observação do urbano, remete-nos a observá-la e estudá-la com olhar minucioso para além das construções e paisagens predefinidas pela ação humana, intencionando buscar as diversas marcas deixadas ao longo do tempo. Pode-se afirmar que, estudar a cidade provoca-nos uma verdadeira alfabetização do olhar, possibilitando tantas novas descobertas, antes imperceptíveis, tornando-se uma importante ferramenta para a formação de professores e desenvolvimento do trabalho pedagógico.

[...] a cidade pode vir se converter, sob o ponto de vista educativo, como um poderoso instrumento educativo para a compreensão de mudanças e permanências, continuidades e descontinuidades históricas, testemunha material da presença simultânea de diferentes passados (MIRANDA e PAGÈS BLANCH, 2012)<sup>8</sup>.

Entendemos que a cidade proporciona a ação do indivíduo, escolarizado ou não, a partir do momento em que ele se permite observar, com olhar atento e reflexivo, o espaço urbano por um viés crítico. Neste momento, o indivíduo se depara com muitas

---

<sup>6</sup> Ibid., 10.

<sup>7</sup> ARAUJO, Vanessa Barboza de. A leitura da cidade e o desenvolvimento da consciência da cidade. Em: MIRANDA, Sonia Regina; SIMAN, Lana Mara Castro. **Cidade, memória e educação**. Juiz de Fora, UFJF, 2013. p.98.

<sup>8</sup> MIRANDA, Sonia Regina; PAGÈS BLANCH, Joan. **Miradas sobre uma questão sensível: a cidade e suas potencialidades educativas**. Disponível em: <<http://ojs.fe.unicamp.br/ged/FEH/article/viewFile/6747/5583>>. Acessado em: 22 out. 2016. p. 4.

surpresas e novas aprendizagens, pois nos encontramos em frente a muitas narrativas, não apenas as escritas em livros, manuais ou documentos, mas também expressas nos movimentos dos habitantes, nas festas, nas comemorações, nas marcas do tempo impressas nas construções, nos muros que, por vezes, apresentam as marcas de vários tempos. A cidade, com todas essas marcas, pode ser comparada a um grande palimpsesto, porque:

Há uma escrita que se oculta sobre outra, mas que deixa traços; há um tempo que se escoou mas que deixou vestígios que podem ser recuperados. Há uma superposição de camadas de experiência de vida que incitam ao trabalho de um desfolhamento, de uma espécie de arqueologia do olhar, para a obtenção daquilo que se encontra oculto, mas que deixou pegadas, talvez imperceptíveis, que é preciso descobrir (PESAVENTO, 2004)<sup>9</sup>.

Para Araújo (2013)<sup>10</sup>, fatos sobre a cidade passam despercebidos no cotidiano, entretanto é preciso diversificar o olhar para a cidade, interpretá-la com reflexões, desenvolvendo um olhar sensível e, ao mesmo tempo, crítico sobre o espaço urbano, utilizando-se da articulação do tempo para gerar uma nova interpretação.

Falar em observação e estudo da cidade tem o fio condutor da sensibilidade. Reconhecer uma história comum inscrita no espaço da cidade é entender como sua uma memória social, saber ver no traçado das ruas e nos prédios e praças lugares, múltiplas temporalidades urbanas, ou seja, é reconhecer a cidade como um patrimônio herdado. (PESAVENTO, 2005)<sup>11</sup>.

Temos a cidade como um texto, na qual ela permite-se ler, e o habitante é tido como seu maior leitor:

[...] a cidade pode ser também encarada como um “texto”, e o seu leitor privilegiado seria o habitante (ou visitante) que se desloca através da cidade – seja nas suas atividades cotidianas para o caso do habitante já estabelecido, seja nas atividades excepcionais, para o caso dos turistas e também do habitante que se desloca para um espaço que lhe é pouco habitual no interior de sua cidade. Em seu deslocamento, e em sua assimilação da paisagem urbana através de um olhar

---

<sup>9</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. Em: **Revista Esboços**, Florianópolis, v.11, n.11, p.25-30, 2004. p. 26.

<sup>10</sup> ARAÚJO, Vanessa Barboza de. A leitura da cidade e o desenvolvimento da consciência da cidade. Em: MIRANDA, Sonia Regina; SIMAN, Lana Mara Castro. **Cidade, memória e educação**. Juiz de Fora: UFJF, 2013. p. 93-112.

<sup>11</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. Em: **LEPAARQ**, Pelotas, v.2, n.4, p 9-17, 2005. p. 16.

específico, este cidadão estaria permanentemente sintonizado com um gesto de decifrar a cidade, como um leitor que decifra um texto ou uma escrita (BARROS, 2012)<sup>12</sup>.

Além de ser lida, a cidade também pode ser vista como um labirinto. Nessa perspectiva, Pesavento (1995) recorre à ideia de labirinto para explicar entrecruzamentos entre as dimensões espaciais e temporais que ocorrem na cidade e possibilitam várias aprendizagens. Para a autora, trata-se de um labirinto em constante renovação, pois cada habitante vive a sua experiência com a cidade:

A descoberta da cidade é a de um labirinto do vivido eternamente renovável, onde o indivíduo que nele adentra não é um ser completamente perdido ou sem rumo. É alguém que lida com memória e sensação, experiência e bagagem intelectual, recolhendo os microestímulos da cidade que apresentam caminhos que se abrem e se fecham (PESAVENTO, 1995)<sup>13</sup>.

Na mesma direção colabora Siman (2008)<sup>14</sup> ao explicar a cidade como labirinto, espaço sinuoso, envolto em histórias de vida, contendo gestos, pausas e esquecimentos em meio às ruínas acumuladas ao longo do tempo. O termo “labirinto” é usado pela autora para afirmar que, mesmo ao nos perdermos na cidade, deparamo-nos com outras perspectivas e novas aprendizagens são elaboradas, nos fazendo entender que a cidade não deve ser narrada em uma só perspectiva, pois esconde ou mesmo destrói os outros tantos caminhos percorridos na sua constituição. Há uma narrativa oficial, geralmente pautada na ideia de progresso, desenvolvimento e mudança que inibe a curiosidade sobre o lugar, o que, em decorrência, interfere na construção do conhecimento histórico.

Assim, o professor, antes de aplicar tal conteúdo em suas aulas voltado para a história da cidade, também deve se permitir sentir a cidade, observá-la, questioná-la, refletir para além da história oficial, na maioria das vezes aprendida na escola e, assim, e/laborar novos conhecimentos. Diante disso,

A cidade se projeta, assim, como um espaço potente para o trabalho de formação da consciência histórica, porque permite pensar na complexidade temporal e nas conexões dinâmicas entre passado,

---

<sup>12</sup>BARROS, José D’Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 40.

<sup>13</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. Em: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.8, n.16, p.279-290, 1995. p. 288.

<sup>14</sup> SIMAN, Lana Mara de Castro. Memórias sobre a história de uma cidade: a História como labirinto. Em: **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.47, p.241-270, jun. 2008.

presente e futuro. E é justamente em virtude dessa possibilidade é que se amplia sua condição educadora (MIRANDA E PAGÈS BLANCH, 2012, p. 8)<sup>15</sup>.

Tendo a cidade como um espaço em constantes e contínuas mudanças, torna-se um espaço inacabado. O pesquisador, como já exposto, precisa estar atento às mudanças e às permanências. Assim sendo, estudar a história da emancipação de Tamarana, por meio dos jornais e das narrativas de seus habitantes, possibilitou-nos novas maneiras de interpretar o que foi esse acontecimento para o município. Investigar a cidade é tratar sobre mudanças, conceitos, histórias de vida, memória. Logo, trazer esse assunto à tona implicará diversificadas maneiras de interpretar e narrar o mesmo fato.

## **O ENSINO DE HISTÓRIA E OS CONTEÚDOS ESCOLARES NO MUNICÍPIO DE TAMARANA.**

As análises aqui realizadas foram construídas com base em dados coletados via aplicação de questionário às professoras<sup>16</sup> de terceiro e quarto anos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental nas três escolas municipais do município de Tamarana.

Ao aplicar o questionário às professoras dos Anos Iniciais, buscávamos saber o que elas ensinavam aos alunos e às alunas sobre a história do município, principalmente em relação à emancipação política, e quais materiais didáticos utilizavam nas aulas de História.

A coleta de dados deu-se por meio de aplicação de um questionário às professoras de terceiro e quarto ano dos anos iniciais, tendo em vista que, é no nível do terceiro ano que se aborda a temática de estudo da história da cidade, entretanto, convidamos as professoras de quarto ano, por saber que as mesmas já trabalharam tal conteúdo em anos anteriores.

O questionário era composto por cinco perguntas abertas e dividido em três partes: a primeira, com informações gerais sobre as professoras, referentes à idade, sexo, formação e atuação profissional; a segunda parte sobre o ensino de História na qual, buscamos traçar um panorama sobre o que é ensinar História para essas

---

<sup>15</sup> MIRANDA, Sonia Regina; PAGÈS BLANCH, Joan. **Miradas sobre uma questão sensível: a cidade e suas potencialidades educativas.** Disponível em: <<http://ojs.fe.unicamp.br/ged/FEH/article/viewFile/6747/5583>>. Acessado em: 16 out. 2016.

<sup>16</sup> Ao analisar as devolutivas dos questionários, constatamos que todas as pessoas que responderam ao instrumento de coleta de dados eram do sexo feminino.



professoras. A terceira e última parte foi composta de uma única pergunta sobre a dificuldade encontrada pelos docentes para trabalhar a história de Tamarana junto aos alunos.

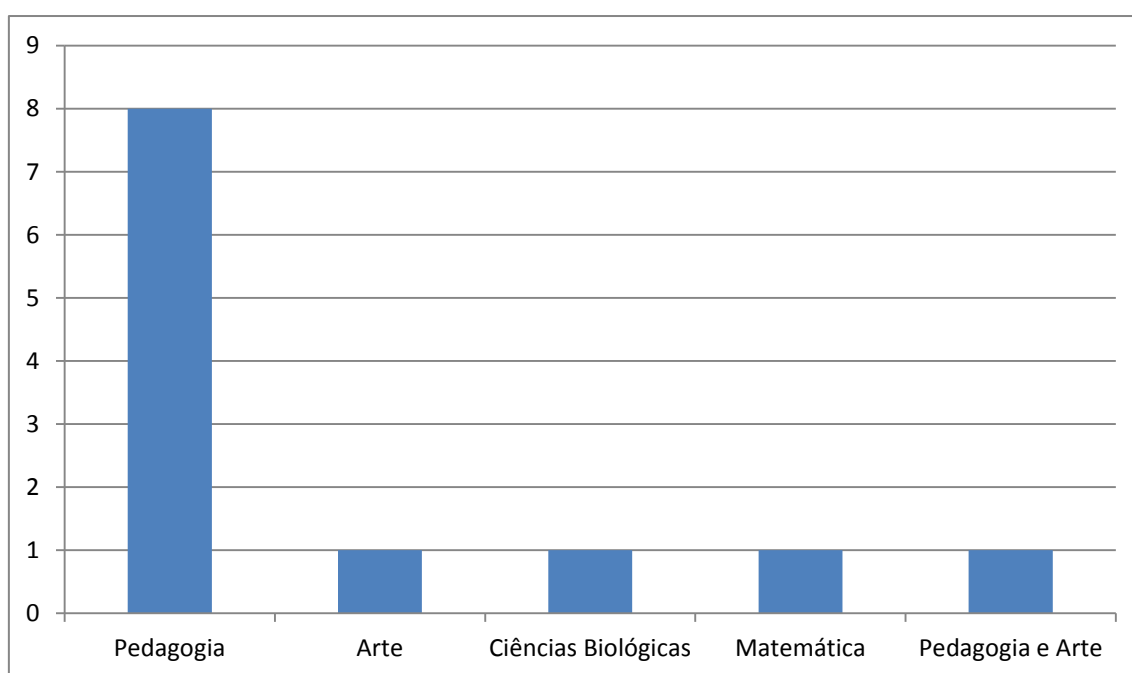
É importante destacar que o ensino sobre a história da cidade de Tamarana é um conteúdo que está presente em todos os Projetos Políticos Pedagógicos das escolas que o município possui. Tal conteúdo está inserido com maior ênfase nas classes de terceiro ano do Ensino Fundamental, embora sua exploração didática ocorra desde o primeiro ano em todas as unidades escolares.

Aplicamos no total, 14 questionários, obtendo 12 na forma de retorno. Os questionários apontam que sete professoras exercem sua função na turma de terceiro ano, enquanto cinco professoras trabalham com a turma de quarto ano nos Anos Iniciais.

Como dito anteriormente, percebemos que 100% dos profissionais são de sexo feminino. Entre as idades, constata-se que 75% das professoras possuem entre 31 e 40 anos, 16,67% possuem idades entre 41 e 50 anos e 8,33% possuem idade entre 51 e 60 anos.

A formação das profissionais está assim distribuída: 100% possuem graduação. Já a pós-graduação em nível de especialização foi realizada por 75% das professoras elencadas.

**Gráfico 1:** Formação profissional das professoras em nível de graduação



**Fonte:** Professoras da Rede Municipal de Educação, Tamarana: 2015.

Quanto ao tempo de trabalho, as profissionais responsáveis pela docência nas turmas de terceiro e quarto anos das escolas pesquisadas indicaram possuir entre nove e dezoito anos de funcionalismo público municipal, conforme informa o gráfico a seguir.

**Gráfico 2:** Tempo de atuação no Magistério em Tamarana



**Fonte:** Professoras da Rede Municipal de Educação, Tamarana: 2015.

#### CONCEPÇÕES OS PROFESSORES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA

Quando aplicamos o questionário, um misto de ansiedade e nervosismo pairou no ar, pois, imaginamos que poderiam não responder ao questionário, o que não ocorreu. Portanto, a devolutiva permitiu que realizássemos as análises sobre a condução e a execução acerca do ensino de História em Tamarana.

A primeira pergunta aos docentes era: *Considera importante os alunos aprenderem sobre sua história local, no caso, sobre a história da cidade? Por quê?*. Elaboramos a questão tendo como base os pressupostos indicados pelo PCN de História para os Anos Iniciais, que afirma que o aluno deve ser capaz de realizar “a leitura de tempos diferentes no tempo presente, em um determinado espaço, e a leitura desse

mesmo espaço em tempos passados” (BRASIL, 2001, p. 44)<sup>17</sup>. Assim, consideramos importante a leitura dos alunos da cidade e o papel do professor para que essa leitura aconteça.

Nas respostas recebidas, identificamos que todas as professoras consideraram importante a aprendizagem sobre a história local, enfatizando a questão da identidade ao indicar que é relevante ensinar história da cidade nos Anos Iniciais considerando que o aluno faz parte da cidade e conseqüentemente de sua história. Algumas se reduziram apenas a responder a pergunta de forma simples, sem mais detalhes.

Sim, porque faz parte da história deles (PROFESSORA 1).

Sim, é muito importante para a formação dos alunos (PROFESSORA 8).

Sim, por fazer parte da história de cada um e conhecer a história de onde vivemos é muito importante (PROFESSORA 10).

Sim, é muito importante, pois faz parte da vida deles, de seus familiares. Lugar esse onde nasceram (PROFESSORA 12)<sup>18</sup>.

Outras professoras se prontificaram a dar mais detalhes sobre por que consideravam importante que os alunos aprendessem sobre sua história local. Algumas respostas nos fazem compreender que as professoras consideram necessária a aprendizagem da história local porque ela faz parte de suas vidas e, por meio dela, poderão entender transformações ocorridas em sua sociedade.

Sim, pois a história faz parte da vida e da cultura das crianças, logo precisam compreendê-la para que entendam determinados comportamentos que acontecem em sua sociedade (PROFESSORA 2).

Sim, as crianças devem conhecer todo o processo histórico de nossa cidade para então desenvolverem maior compreensão dos espaços onde vivem (PROFESSORA 4).

Sim, considero importante, pois faz parte de sua história, independente da época que nasceram, seus pais e avós presenciaram muitas histórias e viveram muitas delas, o que contribui historicamente em seu modo de viver, formando a identidade regional e construindo a sua própria (PROFESSORA 7).

Sim, acho. Porque os alunos têm que ter conhecimento sobre o local no qual residem, pois, assim, terão conhecimento sobre a origem da cidade na qual nasceram (PROFESSORA 9)<sup>19</sup>.

---

<sup>17</sup> BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História, Geografia/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001. p. 44.

<sup>18</sup> Relatos das professoras da Rede Municipal de Educação de Tamarana que participaram da pesquisa no ano de 2015.

Entendemos as colocações das professoras com a construção do saber ligado à família, primeiro núcleo do qual ouvimos histórias de antepassados, modificações sociais e locais. Isso nos leva a concordar com Cainelli e Sanches (2008)<sup>20</sup> ao explicar que o saber é o resultado da aquisição de informações e da relação pelo conhecimento pessoal transmissível, ou seja, compartilhamento de saberes sobre determinado assunto, em que todos auxiliam na construção da sabedoria que advém de relações pessoais e interpessoais.

Considerando que o ensino de História e sua aprendizagem se voltam para o conhecimento da história local, de transformações e permanências sociais locais (BRASIL, 2001)<sup>21</sup>, deparamo-nos também com a preocupação das professoras de que a criança deve ter conhecimento sobre sua história local para estar atenta às suas mudanças e participar, de forma atuante, no meio em que vive. Evidenciamos isso nas respostas abaixo, e nota-se que há uma visão tradicional de ensino quando as docentes acenam que é importante aprender história da cidade ao relacionarem diretamente com a história de vida do próprio aluno, deduzindo que o mesmo tem por obrigação por aprender sobre ela a fim de valorizá-la e transmitir conhecimento sobre a mesma.

Considero muito importante o aprendizado sobre a história do município, pois se trata da origem da história, assim como sua evolução do processo político, cultural, arquitetônico, dentre outros (PROFESSORA 3).

Sim, é importante conhecer a história da cidade ou município para que possa valorizar o local onde vive e situar-se como cidadão participante ou sujeito da história (PROFESSORA 6).

Sim, porque temos como obrigação conhecer pelo menos nossa história, um indivíduo sem história não tem como transferir conhecimento. Devemos conscientizar nossos alunos a valorizar a história de sua cidade, pois sempre vai ser nosso ponto de referência, onde sempre será lembrada (PROFESSORA 11)<sup>22</sup>.

---

<sup>19</sup> Ibidem.

<sup>20</sup> CAINELLI, Marlene Rosa; SANCHES, Tiago Costa. Saber histórico de professores nas séries iniciais: algumas perspectivas de ensino em sala de aula. **História & Ensino (UEL)**, v. 14, p. 124-135, n. 2008. p. 148.

<sup>21</sup> BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História, Geografia/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 2001. p. 49-93.

<sup>22</sup> Relatos das professoras da Rede Municipal de Educação de Tamarana que participaram da pesquisa no ano de 2015.

Já o relato da Professora 6 não se trata de uma visão tradicional, evidencia-se que a mesma preocupa-se com a participação do aluno na história local. Mesmo elencando e preocupando-se com o fato de que conhecer a história local é importante para atuar na sociedade, a fim de perceber as mudanças sociais e locais, também encontramos a fala de uma professora que relata a dificuldade em trabalhar a história do município, porque alguns alunos desconhecem a temática abordada:

É de grande importância, pois quando é chegada a hora de se trabalhar o conteúdo município, grande parte dos alunos desconhecem a história da sua própria cidade (PROFESSORA 5)<sup>23</sup>.

Importante é o apontamento feito pela professora, no entanto, também devemos considerar que o fato de estar na cidade não significa conhecê-la. O aluno pode desconhecer a história da cidade, mas pode ter interiorizado outros conhecimentos e outras observações sobre ela.

A segunda indagação aos professores tratava-se de sua prática docente: *Em suas aulas de História, são trabalhados os conteúdos relacionados à história de Tamarana? Quais temas são abordados?* Observamos que todas as respostas coincidem com o estabelecido nos Projetos Políticos Pedagógicos das instituições, assim, elencamos algumas respostas que podem ser observadas abaixo:

Sim, pontos turísticos, origem do nome, bandeira, pioneiros (PROFESSORA 1).

Sim, pois constam no conteúdo, são abordados a linha do tempo, os acontecimentos históricos, culturais e políticos do município, a sua população (PROFESSORA 3).

Sim, pioneiros de nosso município, origem do nome, surgimentos dos primeiros habitantes, agricultura, agropecuária (PROFESSORA 4).

Já é conteúdo, são trabalhados o bairro, o caminho para escola, o que mudou no município ao passar do tempo, a história do município, os vereadores, entre outros (PROFESSORA 5).

Sim, pioneiros, agricultura, pecuária, água, paisagem e transformações, zona rural e urbana, modos de viver, representação do município, localização, economia, transporte (PROFESSORA 6).

Sim, são abordados temas como: a história do nome da cidade, os símbolos da cidade, os governantes, os pioneiros (PROFESSORA 9)<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> Relato de uma docente da Rede Municipal de Educação de Tamarana que participou da pesquisa no ano de 2015.

<sup>24</sup> Ibidem.

Com base nas respostas acima, é possível verificar que os temas que mais se destacam são os pioneiros, símbolos municipais, origem do nome, agricultura e pecuária e a história do município partindo de temas relacionados aos pioneiros, origem do nome por meio da ligação indígena e primeiro prefeito municipal. Esses e outros conteúdos encontram-se nas propostas pedagógicas das escolas. Para chegar a essa conclusão, realizamos a análise in loco dos materiais, em que percebemos que focam nos seguintes temas a serem abordados na disciplina de História: origem do nome do município, primeiros governantes, os símbolos municipais, costumes e tradições, pioneiros, agricultura, pecuária, indústrias.

Os mesmos temas são encontrados no material didático sobre a história de Tamarana, elaborado pela Secretaria Municipal de Educação no ano de 1997, e que até hoje é utilizado nas escolas, ainda que apresente dados desatualizados. Como foi realizada uma tiragem única para a quantidade de alunos do município no ano de 1997, hoje não há sequer um livro para cada professor das classes de terceiro ano e os raros exemplares se encontram com as coordenações e são mantidos guardados no armário.

Ao manusear o manual didático, em estado deteriorado por ser utilizado há dezoito anos, encontram-se nas primeiras páginas duas imagens: uma sobre a vista aérea de Tamarana na época de 1997 e outra com a foto da paróquia central do município, a Paróquia São Roque. Essa imagem demonstra, além da forte tradição religiosa, o legado do nome da primeira formação habitacional de Tamarana enquanto distrito, a antiga São Roque.

Ao continuar a observação do material, também se vê pequenos textos sobre a história da ligação entre Tamarana e Londrina, seguida por densos textos sobre os principais pioneiros eleitos a serem lembrados por meio do manual didático. No livro também há informações mínimas sobre a geografia de Tamarana. Sobre o fato da emancipação política, encontra-se apenas a data, nenhuma informação a mais.

Finalizando os conteúdos do material, encontramos a imagem de Edson Siena, primeiro prefeito de Tamarana, destacando a política e as melhorias que estava buscando e implantando no município recém-criado. Podemos constatar que o ensino de História nas escolas, por meio do material didático, centra-se na narrativa de alguns personagens eleitos para serem lembrados, não conferindo outras temáticas a serem abordadas.

A partir disso, registra-se a ausência, por exemplo, de uma das principais festas da década de 1950 no distrito, a tradicional Festa do Arroz, realizada por ser Tamarana,

nessa época, um dos maiores produtores de arroz na região e também no Brasil. Não encontramos também o processo ou o desfecho que Tamarana enfrentou para tornar-se município.

A terceira pergunta do questionário aborda a temática central desta pesquisa, a emancipação política do município, para tal indagamos: *Como é o trabalho em torno da data de emancipação política do município?* Nosso objetivo era verificar como esse assunto é tratado em sala de aula e qual a importância dada ao fato, observando se é mostrado de forma diferente do livro didático, o qual traz apenas em forma de data. A Professora 1 não respondeu à questão, deixando-a em branco. Das demais professoras, obtivemos as seguintes respostas como exemplo:

Nos últimos dois anos, na data de aniversário e emancipação, faz-se um desfile pela cidade, no qual as escolas municipais são obrigadas a ir, já está previsto no calendário (PROFESSORA 2).

Como é uma turma do ciclo de alfabetização, trabalhamos a data em forma de história, para que compreendam como, por que e o que é emancipação política (PROFESSORA 3).

Ocorre desfile com diversos temas relacionados ao nosso município (PROFESSORA 4).

Através de projetos (PROFESSORA 5).

Quanto à data de emancipação política, fazemos o trabalho contextualizado com a história do município e há também o desfile realizado em dezembro (PROFESSORA 6).

O trabalho sobre a emancipação é discutido com os alunos, em seguida os alunos colocam sua opinião sobre o assunto (PROFESSORA 9).

Trabalho em sala de aula com textos, interpretações, desfile (PROFESSORA 12)<sup>25</sup>.

Podemos perceber que as professoras trabalham a temática emancipação política para além do que consta no livro didático e também muito mais do que anunciam que trabalham, sem dúvida um fato muito importante, porque o movimento criado com o desfile em comemoração à emancipação, ainda que seja alvo de críticas por elas mesmas, produz uma resposta na escola e está ligado ao conhecimento do aluno e dos habitantes em geral. Há um movimento de ligação entre ambos, a escola prepara o desfile e o aborda como conteúdo e os habitantes vão assistir ao momento de comemoração, rememorando ou construindo ligações de informação sobre a temática.

---

<sup>25</sup> Relatos de professoras da Rede Municipal de Educação de Tamarana que participaram da pesquisa no ano de 2015.

Elas ainda destacam que, além do desfile, o tema emancipação política é abordado em classe com base no conhecimento prévio dos alunos e na realização de conversa com as crianças sobre o tema, com leituras e interpretação sobre o assunto. Cabe destacar também que mais conhecimentos não são trabalhados porque não há materiais de qualidade sobre o assunto que fiquem à disposição das docentes, o que se confirma com o relato da professora:

É bom, mas se tivéssemos materiais bem elaborados poderíamos contribuir para tornar nossa aula de História não só um momento de prazer, mas também algo vivo, que possibilite ao aluno a compreensão e a leitura da realidade (PROFESSORA 8)<sup>26</sup>.

Nesse ponto, ancoramo-nos em Pesavento (2005)<sup>27</sup>, que corrobora ao enfatizar que devemos buscar o passado ainda vivo na cidade. Embora seja uma tarefa difícil, com certeza torna-se muito mais significativo para os alunos na construção de seus saberes históricos.

Em suas assertivas, Oliveira (2012)<sup>28</sup> também elenca que, nas aulas de História para crianças, precisamos caminhar além das memórias na busca de abordagens que se aproximem dos conhecimentos dos alunos, assim, tais conhecimentos implicam “abordagens mais próximas de estudos de aspectos locais, da história local e de assuntos advindos do cotidiano”, tendo a escola e o professor minucioso olhar investigativo para busca de novos saberes a serem ensinados (OLIVEIRA, 2012)<sup>29</sup>.

Sobre a participação dos alunos nas aulas de História, realizamos a seguinte pergunta: *Os alunos relatam seus apontamentos sobre a cidade durante as aulas? Demonstram curiosidade?*

---

<sup>26</sup> Relato de uma docente da Rede Municipal de Educação de Tamarana que participou da pesquisa no ano de 2015.

<sup>27</sup> Pesavento, Sandra Jatahy. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. Em: **LEPAARQ**, Pelotas, v.2, n.4, p 9-17, 2005.

<sup>28</sup> OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. O ensino de História para crianças e a formação do professor para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Em: **EDUCATIVA: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE | Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia.** v.15, n.2, p. 227-241, jul/dez. 2012. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/educativa/article/view/2521/1568>>. Acessado em: 18 set. 2016

<sup>29</sup> Ibidem, p. 229.



Entendemos que a participação dos alunos nas aulas de História é de suma importância. Proporcionando reflexões e troca de ideias, esse movimento de participação evidencia o avanço para a criticidade, mostrando que as aulas de História não são monótonas, em que o professor apenas apresenta o conteúdo e não reflete sobre ele junto aos alunos.

Nas respostas sobre a indagação supracitada, novamente a Professora 1 não respondeu à questão, já com as demais devolutivas das profissionais, podemos verificar que participar ou não da aula depende da questão a ser trabalhada. Pode-se analisar essa afirmação com base na devolutiva da Professora 3 ao afirmar que: “por ser uma escola localizada na zona rural e por ter a maior parte dos alunos indígenas, demonstram pouco interesse pela história, principalmente por fatos sociais e políticos do município”.

Para melhor elucidar a afirmação, é importante salientar que os alunos indígenas estudam na Escola Rural Municipal Enes Barbosa, localizada na zona rural do município, onde não há nenhum professor bilíngue para trabalhar o idioma kaingang na escola. Ao refletir sobre a devolutiva da professora, pode-se analisar que os alunos não demonstram interesse pela história do município, talvez porque transitar pelo município não faça parte de sua realidade cotidiana, pode ser que mal conheçam o perímetro urbano de Tamarana, ou então os mesmos não apresentam interesse pela história de Tamarana porque a mesma não valoriza e não versa sobre sua história.

Também é possível analisar que há a participação da família na construção do conhecimento histórico da criança, pois, de acordo as professoras:

Alguns relatam fatos ocorridos com seus avós e pais no passado, demonstram curiosidade, porém se tem pouco material sobre a história de Tamarana (PROFESSORA 2).

Sim, eles sempre querem contar alguma coisa, ou fato que conhecem esse ou aquele personagem em questão (PROFESSORA 6).

Relatam: comentam sobre políticos, dos quais alguns são parentes, fatos do cotidiano (PROFESSORA 12)<sup>30</sup>.

Embora não se disponha de diversificados materiais sobre a história local na escola, em casa as crianças contam com o conhecimento de sua família sobre a história local relacionada a Tamarana.

---

<sup>30</sup> Relatos de professoras da Rede Municipal de Educação de Tamarana que participaram da pesquisa no ano de 2015.

Como podemos ver nas respostas acima, a família está elencada explicitamente em duas delas, seja por parentesco com políticos ou com histórias que já tenham acontecido com os mais velhos. Porém, o que não indica que, de forma ou outra, também não esteja forjado na resposta da Professora 6, afinal de contas, se as crianças sabem algo sobre o personagem em questão a ser trabalhado, com certeza é por meio de conhecimentos de outra pessoa, nesse caso, seu conhecimento vem de um familiar próximo, responsável pelas histórias contadas em família.

Também temos a colaboração das demais professoras quando se trata de participação nas aulas:

[...] a maior parte dos alunos envolve-se no conteúdo e participa com curiosidade (PROFESSORA 4).

Não muita, as aulas são muito teóricas, sem relatos, fotos ou se quer um bom material didático (PROFESSORA 7).

Sim, mas há falta de cartazes, mapas, panfletos sobre a história faz falta, se tivéssemos, seria melhor (PROFESSORA 8).

Sim, os alunos fazem seus apontamentos sobre a cidade e demonstram interesse sobre o assunto (PROFESSORA 9).

Muito pouco (PROFESSORA 10)<sup>31</sup>.

O pouco interesse sobre as aulas aliado à falta de materiais como suporte pedagógico ao assunto abordado acaba por dividir o caminhar do ensino de História em dois momentos: ou o professor busca por si próprio aprimorar o que já conhece e com sua didática instiga o aluno a participar e ser investigativo, ou as aulas tomam a proporção do ensino tradicional, em que se trabalham apenas conceitos, datas e momentos do acontecimento abordado.

A participação dos alunos durante as aulas possibilita a ampliação de suas experiências, favorecendo a construção do conhecimento. Nessa perspectiva, Germinari e Buczenko (2012)<sup>32</sup> contribuem ao afirmarem que, estudando a história local, toda a experiência vivida pelo indivíduo, nesse caso o aluno, é totalmente ampliada ao se contrapor entre os espaços temporais anteriores a sua vida, ou seja, o aluno pode

---

<sup>31</sup> Relatos de professoras da Rede Municipal de Educação de Tamarana que participaram da pesquisa no ano de 2015.

<sup>32</sup> GERMINARI, Geyso; BUCZENKO, Gerson. História local e identidade: um estudo na perspectiva da Educação Histórica. Em: **História e Ensino**, Londrina: Universidade Estadual de Londrina, v.18, n.2, p. 125-142. 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12593>>. Acessado em: 20 fev. 2016.

estabelecer relações que o possibilitem entender sua vida nas afinidades entre passado, presente e futuro.

Entretanto, mesmo com materiais didáticos, persuasão do professor que instiga o aluno a participar da aula com suas buscas, pesquisas sobre o conteúdo, ainda nos deparamos com dificuldades a serem enfrentadas no ensino de História, evidenciadas pela devolutiva abaixo. Quando questionada se há participação dos alunos, a professora afirma:

Alguns sim, outros não, mas alguns relatos têm lado positivo, sempre falam bem, mas aquela curiosidade é de poucos. Vejo que tem crianças que não conhecem Tamarana, mesmo morando aqui desde sempre, alguns não conhecem e nem sabem o nome do prefeito (PROFESSORA 11)<sup>33</sup>.

Nossa última indagação sobre o ensino de História no município de Tamarana recai sobre as dificuldades enfrentadas pelos professores ao ensinarem sobre a história do município, para tal, inquirimos: *Qual sua maior dificuldade encontrada para trabalhar a história de Tamarana junto aos alunos?*

Como todo trabalho docente, no trajeto educativo, notamos diversas dificuldades dentro das classes escolares sobre o ensino da História. Para as respostas, temos a Professora 1, que preferiu não responder e, no demais, como exposto neste capítulo nas reflexões anteriores realizadas, a falta de materiais que versem sobre a história local do município de Tamarana foi o item em unanimidade apontado pelas professoras.

Após verificar que a PROFESSORA 1 deixou de responder algumas questões, concluímos que provavelmente possa haver correspondência direta com o medo de responder algo que o pesquisador não aceitasse como resposta.

A maior dificuldade é a pouca existência de material sobre o conteúdo, temos apenas um livro sobre a história de Tamarana, que fica com a supervisão e quando precisamos o lemos e nós mesmos produzimos o material que precisamos (PROFESSORA 2).

A maior dificuldade encontrada é a falta de materiais, documentos que relatem fatos sociais, políticos e culturais da história de Tamarana (PROFESSORA 3).

A falta de material para pesquisa junto aos alunos (PROFESSORA 4).

---

<sup>33</sup> Relato de uma professora da Rede Municipal de Educação de Tamarana que participou da pesquisa no ano de 2015.

A maior dificuldade encontrada é a falta de material atualizado sobre o município (PROFESSORA 5).

Falta de materiais como: livros, mapas, fotos, arquivos etc (PROFESSORA 6).

Falta de material, relatos, fotos, só temos um livrinho muito antigo sobre os pioneiros (PROFESSORA 7).

Minha dificuldade é a falta de material sobre o município de Tamarana, pois não temos um livro adequado sobre o assunto (PROFESSORA 8).

Minha maior dificuldade é não ter material para trabalhar com esse tema, apenas lousa e giz (PROFESSORA 9).

Materiais e informações insuficientes nos acervos (PROFESSORA 10).

Bom, acho que deveria ter um livro em que se encontra a história, pois, como já disse, desapareceu, deveriam fazer outro exemplar. Também tenho dificuldade em despertar o interesse, pois dentro de uma sala de aula fechada é muito difícil levar os terceiros anos a imaginarem a história. Gostaria de sair com eles, mostrar, visualizar a cidade, os pontos mais importantes; um passeio na Zona Rural para que eles vivenciem e vejam como se faz o município de Tamarana (PROFESSORA 11).

Falta de materiais, pois o que temos está desatualizado (PROFESSORA 12)<sup>34</sup>.

Partindo de todas as afirmativas dadas pelas professoras dos Anos Iniciais de Tamarana, podemos concluir que, embora seja conteúdo didático a ser ensinado no terceiro ano, a história local sobre o município tamaranense encontra-se desatualizada, havendo apenas uma única edição sobre esse conteúdo eleito a ser abordado na escola. Observa-se também que as professoras, em seus relatos, nos levam a concluir que não podem realizar passeios pelo município, elencando que o mesmo seria importante para as aulas de história da cidade.

Há dificuldades e lacunas existentes nas aulas de História sobre a história do município, mas há também a tentativa das professoras em tentar reverter essa situação junto aos alunos, desdobrando-se para o ensino além do abordado no material didático.

## CONCLUSÃO

Toda a caminhada realizada durante esta pesquisa nos fez perceber que, há múltiplas aprendizagens a serem adquiridas com o ensino da história de uma cidade. É possível analisar também, que devemos aguçar o instinto investigativo dos habitantes, seja enquanto aluno ou mesmo um cidadão que circula diariamente por ela, por vezes ignorando as aprendizagens “suspensas no ar”.

---

<sup>34</sup> Relatos de professoras da Rede Municipal de Educação de Tamarana que participaram da pesquisa no ano de 2015.

A história da cidade de Tamarana ensinada na escola nos permite constatar que ainda encontra-se baseada em lembranças das figuras de pioneiros, tidos como os primeiros desbravadores do local, ignorando por vezes, os verdadeiros habitantes que ali se encontravam a muito tempo e que ainda possuem presença marcante na cidade, os indígenas, mesmo que, ainda ignorados diariamente pela sociedade que exclui preferindo não vê-los.

Também verifica-se que as professoras não possuem material atualizado e diversificado, suficiente para cada aluno na modalidade individualizada, ou seja, além de falta de material atualizado, o mesmo encontra-se escasso.

Portanto, finalizamos nossa discussão afirmando que, a aprendizagem da história de Tamarana ainda encontra-se na perspectiva do ensino tradicional, elegendo algumas fontes como prioritárias para o ensino em classe, não permitindo a polifonia do mesmo assunto por outras vozes ou personagens que dela fizeram parte.

## REFERENCIAS

ARAÚJO, Vanessa Barboza de. A leitura da cidade e o desenvolvimento da consciência da cidade. Em: MIRANDA, Sonia Regina; SIMAN, Lana Mara Castro. **Cidade, memória e educação**. Juiz de Fora, UFJF, 2013.

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História, Geografia/ Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CAINELLI, Marlene; SANCHES, Tiago Costa. Saber histórico de professores nas séries iniciais: algumas perspectivas de ensino em sala de aula. Em: **História e Ensino: Revista do Laboratório de Ensino de História**, Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Municípios Paranaenses: origens e significados de seus nomes**. Curitiba: Secretaria do Estado da Cultura, 2006. Disponível em: <[http://www.itcg.pr.gov.br/arquivos/File/Produtos\\_DGEO/Divisas\\_Municipais/Origens\\_Significados\\_nomes\\_municipios\\_pr.pdf](http://www.itcg.pr.gov.br/arquivos/File/Produtos_DGEO/Divisas_Municipais/Origens_Significados_nomes_municipios_pr.pdf)>. Acessado em: 15 nov.2016.

GERMINARI, Geyso; BUCZENKO, Gerson. História local e identidade: um estudo na perspectiva da Educação Histórica. Em: **História e Ensino**, Londrina: Universidade Estadual de Londrina, v.18, n.2, 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12593>>. Acessado em: 20 fev. 2016.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). **Caderno estatístico: Município de Tamarana**. 2015. Disponível em:

<[www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=86125ebtOk=ok](http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=86125ebtOk=ok)>.  
Acessado em: 15 nov. 2016.

MIRANDA, Sonia Regina; PAGÈS BLANCH, Joan. **Miradas sobre uma questão sensível:** a cidade e suas potencialidades educativas. Disponível em: <<http://ojs.fe.unicamp.br/ged/FEH/article/viewFile/6747/5583>>. Acessado em: 22 out. 2016.

\_\_\_\_\_. Cidade, Memória e Educação: conceitos para provocar sentidos no vivido. Em: MIRANDA, Sonia Regina; SIMAN, Lana Mara Castro. **Cidade, memória e educação.** Juiz de Fora: UFJF, 2013.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. O ensino de História para crianças e a formação do professor para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Em: **EDUCATIVA:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia. v.15, n.2, p. 227-241, jul/dez. 2012. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/educativa/article/view/2521/1568>>. Acessado em: 18 set. 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. Em: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.8, n.16, p.279-290, 1995.

\_\_\_\_\_. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. Em: **Revista Esboços**, Florianópolis, v.11, n.11, p.25-30, 2004.

\_\_\_\_\_. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. Em: **LEPAARQ**, Pelotas, v.2, n.4, p 9-17, 2005.

SIMAN, Lana Mara de Castro. Memórias sobre a história de uma cidade: a História como labirinto. Em: **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n.47, p.241-270, jun. 2008.